



LUTAS PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UMA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

MARTIAL ARTS FOR PEOPLE WITH DISABILITIES: THE POSSIBILITY OF INTERVENTION IN PHYSICAL EDUCATION

*Marcelo Moreira Antunes, **José Júlio Gavião de Almeida, ***Jacqueline Martins Patatas,
****Mariana Pimentel Gomes Waknin, *****Gabriela Simone Harnisch, *****Jalusa Andréia Storch,
*****Enrique Miluzzi Ortega

RESUMO

As lutas emergem no cenário de múltiplas possibilidades de prática envolvendo pessoas com deficiência, temática ainda pouco explorada. Este ensaio objetiva suscitar uma discussão acerca das lutas para as pessoas com deficiência em diferentes contextos, além de discutir possibilidades de aplicação pedagógica das modalidades judô, esgrima, parataekwondo e wushu para pessoas com deficiência, sob a ótica educacional e da iniciação esportiva. Para tanto, as apresentaremos a partir de uma reflexão teórica, enquanto conteúdo da Educação Física. Verificou-se que as lutas são um conteúdo possível para que pessoas com deficiência pratiquem, considerando as necessidades comuns de cada pessoa, pautando-se nas adaptações dos os métodos de ensino, dos cenários a serem utilizados para as aulas, bem como o uso de materiais que facilitem e proporcionem a assimilação dos conteúdos. Percebeu-se ainda que, esta iniciativa reflete-se em um caminhar que demonstra uma prática que conduz ao adequado ato educativo.

Palavras-chave: Artes Marciais; Pessoas Com Deficiência; Ensino.

ABSTRACT

Martial arts for people with disabilities emerge as a educational possibility, even still rarely explored. This essay aims raise a discussion about Martial arts for people with disabilities in different contexts, as well discuss pedagogical application possibilities from the perspective of sports initiation in Judo, Wheelchair Fencing, Parataekwondo and Wushu for people with disabilities. Therefore, Martial arts will be presented from a theoretical reflection, as a content of Physical Education. We verify that Martial arts are a possible content for people with disabilities, based on the connection with the common needs of each person, adaptations in the teaching methods and the use of materials to assist and provide the assimilation of the contents. Furthermore, it is verified this initiative is reflected in a path that demonstrates a practice that leads to the appropriate educational act.

Keywords: Martial Arts; People With Disabilities; Teaching.

Recebido em: 08/06/2017
Aprovado em: 06/07/2017

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ
Email: antunesmm@gmail.com

***Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP
Email: jacpatatas@yahoo.com.br

*****Universidade Estadual do Oeste do Paraná M. C. Rondon, PR
Email: agaby_@hotmail.com

*****Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP
Email: ortega@centralkungfu.com.br

**Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP
Email: gavião@fef.unicamp.br

****Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP
Email: marianaspg@gmail.com

*****Universidade Estadual do Oeste do Paraná, M. C. Rondon, PR
Email: jalusastorch@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Dentre tantos e relevantes significados inerentes ao contexto das lutas, artes marciais e esportes de combate, a participação de pessoas com deficiência vem configurando-se como uma nova forma de apropriação de sua corporeidade e potencialidades, possibilitando-lhes o acesso e a permanência em espaços que até pouco tempo não eram comuns, tais como clubes e academias (ANTUNES, 2013; ANTUNES, 2016). Para fins deste estudo, considerou-se que as palavras “lutas, artes marciais e esportes de combate” podem ser utilizadas como terminologias agregadas e sinônimas, visto que “artes marciais e esportes de combate” são termos preferencialmente empregados como referência internacional, enquanto que “lutas” é amplamente utilizado no Brasil.

Este ensaio suscita a discussão acerca da temática “lutas, artes marciais e esportes de combate para as pessoas com deficiência” e todo seu universo de possibilidades, fundamentado no pensamento complexo que analisa o sujeito, suas interações e influências na sociedade. Acredita-se que a ideia da complexidade na concepção de Morin (2007), não segue o caminho linear ou segmentado que busca a completude, mas sim, permite inúmeras possibilidades e interação do objeto (ser humano) com o espaço social em suas diferentes manifestações. Assim, serão tecidas algumas considerações sobre as modalidades de lutas já institucionalizadas, estruturadas no âmbito esportivo de alto rendimento e que fazem parte do Programa Paralímpico, tais como: o judô para pessoas com deficiência visual e a esgrima em cadeira de rodas e o parataekwondo¹, além das possibilidades de novas práticas pedagógicas focadas em outras modalidades como o wushu².

Diferentes formas de manifestação do esporte podem ser proporcionadas às pessoas com deficiência. Balbino e Paes (2005) exercitam olhares criativos dirigidos ao esporte como um importante fenômeno educativo que serve como instrumento prático para o

desenvolvimento do homem, preparando-o para vencer eventos cotidianos a partir da transferência de conhecimentos, além das experiências vividas no ambiente esportivo que são alocadas para o meio social. Por outro lado, também se entende como um caminho para a especialização esportiva que gera no atleta uma dependência direta pela busca de sucesso, da superação de elevados índices técnicos, táticos, físicos, psicológicos, aportes comuns ao esporte de alto rendimento, resultando nas ações esperadas pelos atletas que competem nos Jogos Paralímpicos.

O objetivo geral deste estudo é, a partir da ideia da complexidade, refletir sobre o conteúdo de lutas, artes marciais e esportes de combate, enquanto componente da área da Educação Física e que sofre e exerce influência sobre a pessoa com deficiência, e também sobre as relações com o meio que a cerca. Secundariamente, objetiva-se discutir possibilidades de aplicação pedagógica das modalidades judô, esgrima em cadeira de rodas, parataekwondo e wushu para pessoas com deficiência, sob a ótica da iniciação esportiva.

AS LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Dentro da esfera da Educação Física, é importante que alguns objetivos sejam elencados ao conteúdo das lutas, artes marciais e esportes de combate para pessoas com deficiência, a fim de desmistificar não somente possíveis ações a serem conquistadas pelos praticantes, como também os princípios gerais e sua aplicabilidade.

Recomenda-se em primeira instância que seja pensada a perspectiva de adaptação dos meios, métodos e estratégias a serem trabalhados, desenvolvidos e plenamente praticados por pessoas com deficiência. Contudo, para que isso aconteça de forma adequada, existe a necessidade de se levar em conta o tipo de deficiência e suas características (origem,

¹ Parataekwondo foi a nomenclatura adotada pela World Taekwondo Federation (WTF, 2010). Portanto, também adotaremos essa nomenclatura, visto que esta é a utilizada mundialmente.

² No Ocidente o wushu é mais conhecido como kungfu. Entretanto, o nome oficial dessa modalidade esportiva é wushu, usado tanto pela International Wushu Federation (IWUF, 2008) organizadora da modalidade em nível mundial, quanto pelo International Olympic Committee (IOC, 2013).



etiologia da deficiência e classificação clínica, educacional e esportiva), e o grau de comprometimento em relação às funções inerentes a prática da atividade - condições orgânicas, capacidades fisiológicas, físico-motoras e cognitivas (ANTUNES, 2013).

Atentos a esta colocação, existe a necessidade de se criar novos espaços em diversos contextos e cenários, abrangendo tanto os princípios da pedagogia do esporte - imprevisibilidade, criatividade, complexidade, autonomia, inclusão, cooperação e diversificação (BALBINO; PAES, 2005), quanto os princípios específicos do esporte e em relação a outras formas de manifestação, como a do alto rendimento. Assim, ao pensar na elaboração das propostas de ensino, a abordagem do ser humano necessita ser global, não resumindo-se ao ensino específico de questões físicas, técnicas ou táticas.

Deste modo, será possível trabalhar com várias modalidades que abarquem diferentes personagens - sejam pessoas com deficiência, como também pessoas com diversas características como a obesidade, e como certos biotipos (muito alto/baixo) e tantos outros estereótipos comumente excluídos das vivências físicas e motoras - e diferentes cenários onde possa acontecer a prática (escolas, clubes, associações, parques, academias, associações), atribuindo todos os significados e objetivos ao esporte (iniciação esportiva, lazer, saúde, bem-estar, qualidade de vida ou alto rendimento).

Por outro lado, a vivência prática deste pensamento revela comumente que as pessoas com deficiência são levadas a acreditar que não são aptas a praticar as modalidades de lutas, artes marciais e esportes de combate. Para resolver essa questão da percepção equivocada de que pessoas com deficiência não são aptas para a prática das lutas, as soluções pedagógicas utilizadas no esporte devem propor um ensino global das modalidades, pensando em sua dinâmica interna: na leitura do oponente, do ambiente e nas respostas em detrimento das técnicas ou táticas específicas.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PAUTADAS NO ENSINO DO JUDÔ, ESGRIMA,

WUSHU E PARATAEKWONDO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

As modalidades apresentadas como objeto deste estudo estão atreladas não somente ao desenvolvimento histórico cultural do para-desporto, mas também às diretrizes institucionais da sociedade e voltadas ao movimento olímpico e paralímpico.

Historicamente, registros do *International Paralympic Committee* (IPC, 2013) apontam que o judô para atletas com deficiência visual tornou-se um esporte paralímpico em 1988, nas Paralimpíadas da Coreia do Sul; e hoje encontra-se em um patamar de grande desenvolvimento, sendo umas das práticas esportivas mais consolidadas no cenário esportivo mundial.

As regras nesta modalidade seguem as normas estabelecidas pela *International Judo Federation* (IJF, 2013). Entretanto, existem algumas adequações para o desporto paralímpico a fim de propiciar condições adequadas para os atletas durante as competições. Dentre as diferenças nas regras relacionadas ao judô olímpico e o paralímpico são as seguintes: neste último, os atletas não são punidos caso ultrapassem a faixa que delimita a área de combate; os árbitros são encarregados de acompanhar os atletas (um árbitro para cada atleta) desde a entrada no tatame até o centro onde se deve iniciar a luta (mesmo com atletas de baixa visão) e ao final da mesma (IJF, 2013; GOMES; MORATO; ALMEIDA, 2011). Outra característica diz respeito sobre como o árbitro deve conduzir a luta dentro do local de competição, o qual deve analisar a manutenção da “pegada”, ou seja, durante toda a luta os atletas devem ter contato permanente um com o outro, tendo a pegada como referência do início da luta entre dois atletas (IJF, 2013).

Segundo a *International Blind Sports Federation* (IBSA, 2013) os atletas B1 (B1 é a categoria para o atleta cego total, de acordo com o sistema de Classificação Visual estabelecido para o judô. A letra B corresponde à palavra *Blind*, do inglês cego) são identificados por um círculo vermelho que se situa em uma das mangas do quimono na altura dos ombros, e um círculo azul na altura das costas (cervical) caso o atleta também possua alguma deficiência



auditiva. Cabe também ao árbitro avisar verbalmente quando os atletas obtêm pontuações e, no caso daqueles que somam a deficiência auditiva, haverá avisos com informações táteis transmitidas pelo árbitro central e em parte específica do corpo do atleta com deficiência auditiva a ser informado (IJF, 2013; GOMES; MORATO; ALMEIDA, 2011; IBSA, 2013).

No caso das modalidades que contemplam a participação dos atletas com deficiência visual, utiliza-se o sistema de classificação oftalmológica (médica e não funcional) regida pelos princípios da IBSA³ (2013), sendo eles:

- B1: atletas que apresentam a acuidade visual com LogMAR⁴ menor que 2,60;
- B2: atletas que apresentam a acuidade visual com o LogMAR variando entre 1,50 e 2,60 e/ou campo visual menor ou igual a 10 graus;
- B3: atletas que apresentam a acuidade visual com o LogMAR variando entre 1,40 e 1,0 e/ou campo visual com menor que 40 de graus.

Já no caso da modalidade esgrima em cadeira de rodas, esta se enquadra como modalidade que representa os esportes de luta nos jogos paralímpicos e possui uma forma de categorizar as pessoas em relação aos níveis de deficiência, resultando em diferentes categorias de deficiência físico-motora para a prática da modalidade. Contempla a participação de pessoas com amputações, paraplegias, tetraplegias, má-formação congênita e acidente vascular.

A modalidade originou-se a partir da adaptação da esgrima convencional. Foi apresentada pela primeira vez nos Jogos de *Stoke Mandeville* em 1953, sendo resultante das adaptações realizadas em regras e equipamentos que possibilitaram a prática por pessoas com deficiência, a qual é mundialmente vinculada pela *International Wheelchair & Amputee Sports Federation* e oficialmente reconhecida pelo Comitê Paralímpico Internacional (IWAS, 2013;

NAZARETH, 2009).

As armas utilizadas na esgrima em cadeira de rodas não se diferenciam da esgrima convencional, sendo compostas pelo florete, espada e sabre. As competições ocorrem de forma individual ou por equipes e conta com combates de três períodos de três minutos cada, ou até o mesmo atleta completar 15 pontos. As três armas existentes na esgrima possuem um dispositivo eletrônico que indica quando há um toque. As diferenças entre elas estão no formato de suas lâminas, os tipos de proteção da mão e a maneira com que cada esgrimista realiza o duelo (IWAS, 2013; NAZARETH, 2009).

No duelo da esgrima, as cadeiras de rodas são presas ao solo por meio de um equipamento específico denominado “fixador de cadeiras de rodas”, que está disposto sobre a pista de esgrima metálica que, por sua vez, deve estar aterrada ao aparelho de sinalização de toques. Já os atletas são posicionados em certo ângulo e distância e, para determinar isto, ambos os esgrimistas devem estar sentados em suas cadeiras de rodas com tronco na posição vertical e centralizado no assento. Uma vez definida a distância entre os mesmos, esta não pode ser alterada (NAZARETH, 2009).

O que diferencia a esgrima convencional da esgrima em cadeira de rodas, além da classificação, são basicamente dois aspectos: os materiais que foram desenvolvidos e adaptados para o melhor desempenho do esgrimista cadeirante (cadeiras de rodas específicas, fixadores, saia metálica de isolamento de membros inferiores), e a ausência dos deslocamentos comuns na prática da esgrima olímpica (NAZARETH, 2009).

A classificação funcional da esgrima envolve testes funcionais realizados essencialmente na cadeira de rodas e consistem na avaliação de habilidade da função do atleta (como de extensão e flexão lateral do tronco em diferentes posições, com e sem a utilização da arma). Os movimentos avaliados nos testes devem ser específicos da esgrima, como por exemplo: afundos, que são inclinações laterais

¹ *Ipsis litteris*.

² LogMAR significa logaritmo do ângulo mínimo de resolução, e é uma ferramenta adotada para a verificação da acuidade visual (MESSIAS; JORGE; CRUZ, 2010).



repentinas do tronco com a arma em mãos, além de extensões simultâneas do cotovelo, tanto em movimentos rápidos quanto em movimentos do tronco rumo à posição original (PAES, 2002). Depois de realizada a avaliação, o atleta é classificado dentro de uma das cinco classes (1A, 1B, 2, 3 e 4), para em seguida ser definitivamente direcionado para uma das três categorias da Esgrima em cadeira de rodas que são A, B e C (NAZARETH, 2009).

Compreender a condição favorável da prática da esgrima sem tal componente de deslocamento, como acontece com a esgrima em cadeira de rodas, implica praticamente numa percepção do desenvolvimento desta modalidade sob uma ótica que transcende uma doutrina simplesmente tecnicista e deslocada de valores sócio-culturais desejados para a pedagogia atual. Acredita-se que o desenvolvimento desta modalidade pode ser estabelecido em diversos ambientes, com ou sem cadeira de rodas / armas. Enfatiza-se que as atividades devem respeitar a bagagem motora e os objetivos do participante, partindo de um contexto lúdico, para iniciação esportiva, e posteriormente, para especialização esportiva e alto rendimento.

Sob outra ótica, alguns estudos evidenciaram as práticas e possibilidades de outras modalidades de lutas não paralímpicas tornarem-se acessíveis para pessoas com deficiência. O entendimento sobre tais temáticas pode trazer novas possibilidades para a prática do profissional de Educação Física e de professores que atuam com diferentes modalidades de lutas, além de fomentar a revisão de suas estratégias de ensino para pessoa com deficiência, considerando suas potencialidades em detrimento de desvantagens que a deficiência pode causar (PATATAS, 2012). O parataekwondo originou-se de uma adaptação do taekwondo, luta originária na Coreia. A partir da década de 1990, iniciou-se um movimento no cenário mundial regido pela *World Taekwondo Federation* (WTF), a respeito da criação do taekwondo para pessoas com deficiência, chamado de parataekwondo. Essa nova modalidade possibilitou a prática dessa luta por atletas amputados de membros superiores e, também, com um objetivo de buscar ser parte integrante do movimento paralímpico, agregando à modalidade os significados e a filosofia dos

esportes paraolímpicos (IOC, 2013; PATATAS, 2012; CPE, 2013).

Na recente história do parataekwondo já foram realizados dois campeonatos mundiais, o primeiro em Baku, no Azerbaijão em 2009, e a segunda edição realizada na cidade de São Petersburgo, na Rússia em 2010. Também aconteceram campeonatos regionais, por continente, como o primeiro Para Pan-Americano de parataekwondo, realizado em Monterrey, no México e o primeiro Campeonato Europeu de parataekwondo realizado em Moscou, na Rússia, em 2010 e 2011, respectivamente (PATATAS, 2012).

Patatas (2012) elucidou as modificações nas regras do parataekwondo que são chamadas de “normas de segurança” e se baseiam nas alterações a seguir, sendo as únicas modificações feitas nas regras de competição do taekwondo olímpico:

- O ataque (pontuação) na altura da cabeça é proibido. O árbitro poderá punir o atleta nesses casos;
- Duração do combate é de 3 rounds de 1 minuto, com 1 minuto de intervalo entre eles;
- O árbitro poderá decidir o vencedor através do RSC (*Referee Stop Contest*), em caso de diferença técnica significativa entre os dois atletas.

Neste sentido, para que haja uma competição mais justa e inclusiva quando há a participação de pessoas com deficiência, é necessário que seja estabelecida a Classificação (Funcional ou Médica) de cada modalidade. A classificação funcional do parataekwondo foi designada pelo IPC (2013), em princípio, abrange a amputação de membro superior em nível acima e abaixo do cotovelo, em um ou ambos os membros, sendo alocados nas classes A5, A6, A7 e A8 (IWAS, 2013). Na classificação estabelecida pelo IPC (2013) para o parataekwondo, a letra “A” representa o termo Amputação, *Amputee*, em inglês.

A prática do parataekwondo como uma manifestação esportiva, ou qualquer outra adaptação de alguma modalidade esportiva já estruturada, pode ser vista como mais um recurso



à disposição do professor que atua e atuará com as lutas nos mais variados cenários, em todos os ambientes e com todos os personagens da pedagogia do esporte e do treinamento esportivo. Assim, a prática de atletas com deficiência se torna possível, garantindo-lhes o acesso a essa luta e também chances de competir com igualdade de acordo com o seu grau de deficiência (PATATAS, 2012).

De outra parte, o wushu também possui potencialidades de usos e práticas que transitam entre a atividade lúdica e o esporte de alto rendimento, estando diretamente vinculados aos objetivos dos praticantes com deficiência (visual, auditiva, físico-motora ou intelectual), o grau de comprometimento e a modalidade do wushu a ser praticada (ANTUNES, 2016).

Antunes (2016) esclarece que o wushu possui quatro modalidades possíveis de práticas, sejam concomitantes ou individualizadas:

- *Taolu* de mãos livres e *taolu* com armas: o *taolu* é um termo chinês que significa rotina ou estrutura. É utilizado para designar uma sequência previamente elaborada de movimentos de ataque e defesa contra oponentes imaginários, assemelhado ao *kata* do caratê e judô e ao *pomsee* do taekwondo. Desta forma, o *taolu* possui versões utilizando armas (implementos) e mãos desarmadas.
- *Sanda*: é uma modalidade de combate que utiliza golpes como chutes e socos, além de técnicas de projeção, sendo praticado sobre um piso especial para amortecimento e utilizando equipamentos de proteção como luvas, capacetes, protetores bucais e genitais;
- *Shuaijiao*: é uma modalidade, também de combate, que se utiliza de técnicas de projeção para lançar o oponente ao solo, assim como o judô e o *wrestling*;
- *Qigong*: constitui-se de variadas séries de exercícios respiratórios, realizadas de forma dinâmica ou estática, que visam o equilíbrio das funções orgânicas e o autocontrole.

O wushu possui características próprias que, quando relacionadas às diferentes deficiências e

graus de comprometimento, possibilitam a inserção de diferentes pessoas com deficiência em suas práticas. Entretanto, alguns cuidados com a adaptação de métodos de ensino, equipamentos, materiais e espaços devem ser considerados para o sucesso da prática. Outra questão importante de ser destacada é a formação adequada do profissional que trabalhará com esse público, pois a intervenção não se resume nas atividades específicas, mas na constante interlocução com outros profissionais que atuam junto ao praticante (ANTUNES, 2013).

Neste aspecto, o professor que atua nesse meio tem um papel muito importante, de modo que suas estratégias de ensino podem ser determinantes no processo de aprendizagem de modalidades de luta para pessoas com deficiência, tendo em vista que um aluno com deficiência pode despertar no professor a inquietação para definir qual a melhor maneira de ensiná-lo, e, a partir de uma dificuldade ou diferença em relação aos alunos convencionais, surge um novo método (ANTUNES, 2013; PATATAS, 2012; GOMES, 2008).

Patatas (2012) corrobora que isso também pode ser chamado de “potencial criativo”, ou seja, despertar de novas soluções para um problema. Neste mesmo entendimento, Gomes (2008) complementa que um caminho viável a se percorrer é explorar os princípios condicionais das lutas considerando a deficiência de um aluno, oferecendo a ele possibilidades e oportunidades de prática e resolução de problemas. Portanto, cabe ao professor promover a vivência das lutas em todas as situações, por meio da utilização de estratégias adaptadas e da criação de regras que permitam a utilização de todo o seu potencial, sem esquecer que a adaptação de materiais e equipamentos são imprescindíveis.

Enfim, pensar na adequação pedagógica das lutas, artes marciais e esportes de combate com cunho paralímpico (como o judô, o parataekwondo e a esgrima) ou naquelas que já possuem formalidades constituídas para esse fim (como o wushu), ou ainda naquelas que já acumulam experiências para o desenvolvimento de sua prática para pessoas com deficiência (como a capoeira, o karate e inúmeras outras modalidades), é também pensar nas diferentes formas de manifestações a serem exploradas



(como o lazer e a iniciação, além do alto rendimento), na disseminação de tais modalidades para variados grupos e com diferentes propósitos (diferentes deficiências praticando qualquer modalidade) e em diferentes cenários. Enfim, faz-se saber, entretanto, que mesmo as modalidades de lutas paralímpicas podem e devem se desprender dos objetivos e das regras específicas e voltadas ao alto rendimento, para que atendam os objetivos voltados às necessidades da iniciação esportiva.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ENSINO-APRENDIZAGEM DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Compreende-se que as estratégias de ensino-aprendizagem são maneiras de como ensinar algo, não somente criando situações de aprendizagem correspondentes ao conteúdo e objetivos almejados, mas também como uma ação resultante de condicionantes mutáveis e imprevisíveis, que por sua vez, podem solicitar adaptações e conquistas não planejadas (PATROCÍNIO *et al.*, 2008).

Arriscamos dizer que a melhor estratégia para ensinar as lutas, artes marciais e esportes de combate é apresentar e revelar a atividade da melhor maneira que os alunos entendam, pratiquem, participem das ações e decisões. No entanto, faz-se necessário adotar algumas estratégias pedagógicas em conjunto com as características específicas do judô, esgrima, wushu e parataekwondo, as quais venham preparar o aluno ou um grupo para uma prática com qualidade, não apenas no aprimoramento de habilidades específicas, como também no desenvolvimento cognitivo, motor, social e psicológico.

Pensando na iniciação esportiva e na pedagogia da complexidade embasada na imprevisibilidade, criatividade, diversificação, complexidade crescente, autonomia, cooperação e inclusão (PAES, 2002), torna-se importante a presença de atividades lúdicas e da psicomotricidade. Estas contribuirão significativamente na ambientação do praticante sobre a percepção do meio, das pessoas e dos

objetos, as quais contribuirão primordialmente para o seu desenvolvimento neuropsicomotor.

Estas iniciativas terão como consequência facilitar o aprendizado das regras, objetivos, técnicas e táticas específicas da modalidade, permitindo que a pessoa exercite e compreenda os estímulos (motor, visual, auditivo, cognitivo) que são solicitados. Algumas ações pedagógicas propostas para as lutas, artes marciais e esportes de combate deverão incluir orientação e mobilidade no ambiente da prática jogos sensoriais, além das atividades específicas da modalidade.

A orientação e mobilidade podem facilitar para pessoas com algum grau de deficiência locomover-se de forma segura e independente, favorecendo o desenvolvimento de habilidades motoras necessárias para a prática esportiva e possibilitando-lhes cada vez mais uma maior autonomia. As relações entre o participante com o corpo, o espaço e o tempo, mediada pelos sentidos remanescentes (PATROCÍNIO *et al.*, 2008), devem ser constantemente reforçadas. Isto inclui a quantidade de estímulos que ocorrem durante a prática e que permita ao participante ter consciência de sua movimentação, saber seus objetivos e escolher a forma mais dinâmica e eficaz para atingi-los.

Quanto aos jogos sensoriais, é importante explorar os estímulos sensoriais residuais, principalmente para os participantes com deficiência visual, por meio da percepção de ruídos, cheiros, odores, informações táteis, fontes de luz e calor. Contudo, deve-se respeitar o nível de complexidade das informações, e o nível de entendimento do praticante. De outra parte, a implementação de atividades específicas para a brincadeira/jogo podem ser embasadas nos fundamentos das próprias modalidades (como do judô, esgrima, parataekwondo e wushu).

Exemplificando com o judô para pessoas com deficiência visual, pode-se utilizar informações táteis que proporcionem o aprendizado de forma mais específica. Sugere-se ainda, a utilização de colegas tutores que auxiliem no desenvolvimento das aulas, visando proporcionar o desenvolvimento global de todos os praticantes envolvidos. Estes colegas podem ensinar os movimentos requeridos por meio de informações verbais, auditivas e cinestésicas



(aluno sente no corpo do tutor ou tutor realiza o movimento no corpo do aluno).

Já no caso da esgrima é possível trabalhar a modalidade com adaptações de materiais, com “espadinhas” de jornal ou EVA, colocando todos os alunos (inclusive os que têm deficiência) sentados para realizar o confronto e trabalhar a motricidade fina da mão não dominante com a arma.

No caso do wushu, tendo em vista que a modalidade contempla diferentes possibilidades, pode-se utilizar estratégias distintas, sempre adequando ao tipo de deficiência e do grau de comprometimento apresentada pelo indivíduo. Quando do uso de implementos, estes podem ser produzidos com materiais alternativos, que privilegiem a segurança dos praticantes. Assim como, os pisos e ângulos das paredes, cobertos com amortecimentos adequados.

Quanto aos professores que atuam com o parataekwondo, além de provocar a revisão de suas estratégias e metodologias empregadas no ensino da pessoa com deficiência, considerando suas potencialidades em detrimento de desvantagens que a deficiência pode causar, devem procurar diferentes metodologias de trabalho para atingir todas as necessidades dos alunos e fazer com que o treinamento se aplique a todas as circunstâncias da melhor forma possível.

O papel do professor baseia-se num conjunto de competências que devem ser trabalhadas em conjunto com todos os saberes que compõem essa prática, agregando os conhecimentos da pedagogia, da ciência, dos aspectos técnicos e táticos. Ensinar alunos com deficiência exige que o professor esteja aberto para fazer adaptações durante a sua aula e em suas estratégias metodológicas. A adaptação, porém, deve ocorrer a partir da participação e de necessidades de mudanças amplas, como do cenário, dos alunos (com e sem deficiência) e do ambiente de maneira global (demais funcionários docentes e não docentes, pais, etc).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os objetivos determinados para o presente estudo, ou seja, apresentar o

conteúdo de diferentes modalidades de lutas, artes marciais e esportes de combate (judô, esgrima em cadeira de rodas, parataekwondo e wushu), sob a ótica educacional e no rendimento esportivo para pessoas com deficiência, é possível mencionar que as lutas, artes marciais e esportes de combate são um conteúdo possível de ser trabalhado para pessoas com deficiência, em seus diferentes e amplos sentidos de atuação, seja na perspectiva do lazer, educação ou alto rendimento.

Com o devido tratamento pedagógico, adequação dos mecanismos de informação, adaptações relativas ao espaço físico e recursos materiais, as pessoas com deficiências podem e devem ter acesso e oportunidades para desenvolverem suas potencialidades. Nota-se, porém, que as lutas, artes marciais e esportes de combate ainda sofrem com preconceitos diante de seu potencial educativo, principalmente na forma de manifestação relacionada à iniciação esportiva ou, mais especificamente a escolar, tanto para as pessoas com ou sem deficiência. Por outro lado, em outras formas de manifestação, como a do alto rendimento, as lutas, artes marciais e esportes de combate gozam de considerações elevadas onde a potencialidade das pessoas com deficiência é reconhecida e valorizada.

Enquanto conteúdo da Educação Física numa perspectiva de iniciação ao esporte, conteúdos motores e socioculturais, as modalidades apresentadas podem ser pensadas e valorizadas de forma ampla seguindo o pensamento complexo, servindo como um instrumento de formação e desenvolvimento de uma sociedade que engloba pessoas com ou sem deficiência. Então, devem sim, ser pensadas na perspectiva de atendimento àquelas pessoas com seus anseios e necessidades, adequando seus instrumentos à aprendizagem e formação conforme a idade, sexo, experiência motora anterior e atual, além dos objetivos das aulas ou treinos.

Enfim, as lutas, artes marciais e esportes de combate para as pessoas com deficiência desdobram-se em muitas possibilidades e geram novos desafios em suas relações com a saúde, educação e diante da sociedade a qual fazem parte. A adequação de métodos de ensino,



conteúdos, regras, materiais e espaços são fundamentais, além da adequada e ampla formação dos profissionais para atuação com esse público e na perspectiva da iniciação esportiva, foco este completamente diferente da perspectiva do esporte voltado ao alto

rendimento. Avanços nos estudos sobre o tema são necessários, pois a produção acadêmica ainda não deu conta das demandas dessa nova possibilidade do uso das lutas, artes marciais e esportes de combate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Marcelo Moreira. **Artes marciais para pessoas com deficiência: dilemas e possibilidades do wushu**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

_____. **Aspectos introdutórios sobre a relação entre as artes marciais e a saúde**. In: ANTUNES, Marcelo Moreira; IWANAGA, Carla Carvalho. Aspectos multidisciplinares das artes marciais. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013.

BALBINO, Hermes Ferreira; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e os jogos desportivos coletivos na ótica das inteligências múltiplas. In: PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

COMITÉ PARALÍMPICO ESPAÑOL (CPE). Disponível em: <<http://www.paralimpicos.es>>. Acesso em: 15/09/2013.

GOMES, Mariana Simões Pimentel. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades**. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

GOMES, Mariana Simões Pimentel; MORATO, Marcio Pereira; ALMEIDA, José Júlio Gavião. Judô paraolímpico: comparações e reflexões sobre as realidades de diferentes seleções femininas. **Conexões**. v. 9, n. 1, p. 85-109, 2011.

INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION (IBSA). Disponível em: <<http://www.ibsasport.org>>. Acessado em: 15/09/2013.

INTERNATIONAL JUDÔ FEDERATION (IJF). Disponível em: <<http://www.ijf.org>>. Acesso em: 15/09/2013.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IOC). Disponível em: <www.olympic.org>. Acesso em: 10/06/2013.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE (IPC). Disponível em: <<http://www.paralympic.org>>. Acesso em: 15/09/2013.

INTERNATIONAL WHEELCHAIR & AMPUTEE SPORTS FEDERATION (IWAS). Disponível em: <<http://www.iwasf.com/iwasf/>>. Acesso em: 15/09/2013.

INTERNATIONAL WUSHU FEDERATION (IWUF). **Wushu**. Beijing: IWUF, 2008.



MESSIAS, André; JORGE, Rodrigo; CRUZ, Antônio Augusto Velasco. Tabelas para medir acuidade visual com escala logarítmica: porque usar e como construir. **Arquivos brasileiros de oftalmologia**, v. 73, n. 1, p. 96-100, 2010.

MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007.

NAZARETH, Valber Lazaro. **Esgrima em cadeira de rodas**: pedagogia de ensino a partir das dimensões e contexto da modalidade. 2009. 149f. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JÚNIOR, Dante. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

PATATAS, Jacqueline Martins. **O taekwondo como modalidade paradesportiva**. 2012. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

PATROCÍNIO, Regina Matsui e colaboradores. Estratégias de ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, José Júlio Gavião e colaboradores (Orgs.). **Goalball**: invertendo o jogo da inclusão. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

WORLD TAEKWONDO FEDERATION (WTF). Disponível em: <www.wtf.org>. Acesso em: 17/05/2010.